

betty milan

CARTA AO FILHO



I

A estação das cerejeiras começou no dia em que você nasceu. Nem tudo foi cereja, claro. Mas, desde que vi o seu rostinho inchado – de quem já não cabia na barriga da mãe –, eu nunca mais soube da noite negra.

Devo o seu nascimento a uma grande amiga. Sonhou comigo na véspera e telefonou, dizendo que eu fosse logo ao médico. No sonho, você corria risco de vida. Fui, naquele mesmo dia, e o médico constatou que a placenta estava secando. Disse que a irrigação não era mais satisfatória e marcou a cesariana para o dia seguinte.

A amiga é a autora do verso que me ocorre quando você aparece: “E estando me faltas”. Sendo poeta, ela é vidente, e foi graças a uma visão dela que você nasceu. Desde então, eu, que duvidava da vidência, acredito nas visões. Para ser vidente, é preciso ser sensível ao próprio inconsciente, e os poetas são.

O fato é que nós dois primeiro nos salvamos por um triz. Digo *nós*, pois, a partir do dia em que você foi concebido, eu não imaginei mais a minha vida sem a sua. E você agora não quer falar comigo, não responde aos meus e-mails, não atende o telefone. Como se a nossa história não existisse... O que me resta é escrever esta carta. Não a enviarei. Seria um ato louco. Lendo o nome do remetente, você jogaria o envelope fechado e ficaria mais contrariado.

Escrevo para te tornar presente, mas não só – por não ser a primeira vez que você se afasta. Quero rememorar a vida que tivemos – você, eu, nós – e me perguntar o que é ser mãe. Se não descobrir os meus erros, corro o risco de reincidir neles e te afastar mais ainda.

O ato de escrever, por outro lado, me permite resistir ao desejo imperioso de te procurar. *Afinal, por que não? Ele então não é cria*

minha...? Como se, por ter criado o filho, a mãe tivesse o direito de forçar o encontro.

O que eu mais quero é te contentar, porque sem você eu não existo. Onde quer que você esteja, eu estou. Desde que você nasceu, tenho o dom da ubiquidade. Me transporto para o lugar onde você estiver.

Assim, você me telefonou da Índia, pois vomitava sem parar. Havia emagrecido muito. Contive o choro. Disse não ao desespero e te ouvi, já me perguntando como ajudar. Concluí, no ato, que precisava transmitir confiança na sua recuperação e fazer você contar consigo mesmo. Meu único recurso era este. Respirei fundo, disse o que precisava dizer e me acalmei. Tenho certeza de que outras mães fizeram o mesmo. Souberam não se desesperar para o filho viver. Dissimularam o medo para encorajar. Ser mãe talvez seja a arte de dar o que a gente não tem.

Uma semana depois do seu telefonema, me internei para ser operada. Você telefonou novamente da Índia, querendo saber como tinha sido a operação, e eu não contei a verdade. Não podia te atrapalhar. Você estava filmando. Sou pela omissão quando ela é necessária. Você depende do trabalho para ficar bem, e o que me interessa é o seu contentamento. A vida pode ser curta. Inclusive a sua, embora eu não imagine isso. Não há dor maior do que a perda do filho. Nem imagem mais trágica do que a Pietà.

Cada dia é mais um que a gente tem a sorte de viver, e eu não quero que você perca tempo. Por isso, inclusive, te ensinei a não desejar o impossível. Não tive um filho para ter orgulho dele, e sim para me alegrar *com* ele. Quero o teu sucesso, porque ele te deixa feliz.

Onde quer que nós estejamos juntos, eu estou bem, e é esta a razão pela qual eu te sigo quando você diz “Vamos?”. Dois anos antes de filmar em Bombaim, sugeri que nós fizéssemos uma viagem. “Só se for para a Índia, mãe!” Aceitei, embora não me sentisse preparada para tanto. A Índia é uma aventura para qualquer ocidental. Até o gesto para dizer *sim* é o

gesto com o qual nós dizemos *não*. O indiano balança a cabeça de um lado para o outro. Só diz *sim* provocando o estranhamento.

Li tudo o que podia sobre o sul da Índia durante o mês que antecedeu a viagem. Pus o *Mahabahrata* na mala e embarquei com você para ver os templos hinduístas, ouvir os Vedas à luz de velas e lavar as mãos em água de jasmim. Descobri, indo de Madras a Madurai, um país no qual o sorriso é cultural e as pessoas não perdem a calma. Nem mesmo nas estradas, onde a circulação não obedece a regras pré-determinadas e o tempo todo o desastre parece iminente.

Por ser impaciente, me dei conta da importância do ensinamento da paciência. Só isso teria justificado a viagem à Índia, onde o descanso e a meditação são fundamentais e os homens têm a liberdade de fechar os olhos e se isolar no meio dos outros ou até mesmo deitar no espaço público. Os homens e os deuses, que podem ser representados na horizontal, como Vishnu. Cansado de dar proteção aos mortais, ele medita deitado sobre a próxima criação.

O dia do seu nascimento foi de festa, e o do meu também. Porque, antes de me dar à luz, sua avó concebeu um menino que se enrolou no cordão umbilical e morreu. E ela teve que esperar o parto normal. Viveu um mês com uma criança morta no ventre. Quando eu apareci, este passado triste foi esquecido. A luz que emanava da recém-nascida viva ofuscou a história do natimorto. Ninguém mais pensou na esperança abortada, no primogênito enterrado numa caixa de sapato.

Fiquei eu no lugar dele. O destino do menino e o meu se entrelaçaram, ele passou a existir em mim e eu me tornei tão homem quanto mulher. Esta androginia me predispôs a grandes encontros com homossexuais, inclusive na época em que, além de marginalizados, eles eram assassinados no Brasil. Quando eu tinha dezoito anos, Michel

Foucault, que estava em São Paulo como conferencista, me disse: “Você é tão afável quanto um rapaz”. Demorei para entender a frase. Por ser particularmente sensível, além de homossexual, ele percebeu que havia em mim um rapaz. Isso explica por que sempre me apaixonei por homens com traços delicados, verdadeiros andróginos. A gente se apaixona pelo outro que espelha a nossa alma, e, quanto maior o espelhamento, mais desvairada é a paixão.

Tive pelo seu pai uma paixão desvairada. Ele era a própria figura da ambiguidade. Sendo jovem, evocava o velho e vice-versa. Já com dezoito anos, tinha cabelos completamente brancos. Aos 68, pouco antes de morrer, sustentava a liberdade com o mesmo ardor da juventude. Por outro lado, sendo homem, era uma sílfide, tão mulher quanto eu sou homem.

Nunca nos separamos, apesar de não termos sido fiéis. Ou melhor, só termos sido fiéis à nossa lealdade. O ideal da fidelidade é o ideal do amor. Mas, como se tratava de um imperativo da moral burguesa, não podia ser o ideal dos que fizeram a revolução sexual dos anos sessenta.

Você é contra a infidelidade e pode ser, pois, graças à dita revolução, a fidelidade já não é obrigatória. Não me ocorreu dizer isso a você e eu percebo que, entre nós, havia um problema de comunicação, como você me disse mais de uma vez. Ouvi sem escutar. Por quê? Por ser filha de uma mãe que não me escutava ou por considerar que, sendo psicanalista, o problema não podia ser comigo?

O fato é que, sem adotar os valores da moral contestada por seu pai e eu, você não concebe a traição. Quer o amor absoluto. Gosto disso, mas sei que a paixão existe e todos nós estamos sujeitos a ela.